

A Esquina Maldita: O bar como espaço de resistência e transgressão durante o regime militar em Porto Alegre.

Lucio Fernandes Pedroso¹

Resumo: Durante as décadas de 1960 e 1970 a ditadura militar exerceu o papel de alteridade incentivadora de uma coesão de ideais, posições políticas e esperanças entre muitos universitários brasileiros. Apesar das divergências de opiniões e práticas, essa inimiga em comum ajudou a costurar uma identidade de esquerda adotada pelos estudantes. Muitos foram os espaços de manifestação desse esquerdismo, dentre eles destaco um tipo bem peculiar, o bar. O presente trabalho analisou o filme “Deu pra ti anos 70...” e depoimentos de pessoas que frequentaram no final de 60, década de 1970 e começo de 1980 os bares localizados no bairro Bom Fim em Porto Alegre e próximos do campus central da UFRGS. Algumas práticas dos representantes da identidade de esquerda consistiam em transformar esses espaços em lugares de debates políticos e ponto de encontro. Além disso, buscavam impor a oposição ao regime militar como a única conveniência a ser seguida naqueles locais. Os outros frequentadores, que não se comportavam como os esquerdistas apresentavam comportamentos transgressivos sem motivos políticos. A relação entre os dois grupos e os bares permite compreender porque após a abertura política predominou nos bares do bairro práticas sociais desengajadas.

Palavras-chave: identidade de esquerda; espaços públicos; práticas sociais

A Esquina Maldita: O bar como espaço de resistência e transgressão durante o regime militar em Porto Alegre.

O romance *Bar Don Juan* do escritor Antônio Callado conta a história de alguns intelectuais que organizam um foco guerrilheiro durante o período da ditadura militar no Brasil². Mas seu tema principal não é apenas a luta. A primeira metade do livro se passa no bar que o nomeia e lá personagens com trajetórias singulares convergem seus interesses. No *Don Juan* eles se encontram para realizar discussões, compartilhar as angústias, aliviar as tensões, cruzar as diferentes experiências e beber muito. Esta história possibilita ao leitor ricas releções sobre alguns sentimentos e vivências compartilhados por muitas pessoas que enfrentaram este momento pesado da história brasileira. A partir dela, pode-se destacar o papel que o governo militar exerceu enquanto alteridade incentivadora da comunhão de ideais, posições políticas e esperanças entre muitos brasileiros durante as décadas de 1960 e 1970. Neste período haviam muitas divergências de opiniões e práticas entre a esquerda, mas a ditadura, por ser uma inimiga em comum, ajudou a costurar uma identidade entre elas, principalmente entre os estudantes universitários. Além disso, Antônio Callado chama a atenção também para um tipo bem peculiar de espaço de construção, consolidação, manifestação e divulgação deste

1 Mestrando do PPG em História do IFCH/UFRGS.

2 Callado, Antônio. *Bar Don Juan*. 7 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982. Este bar foi inspirado em um bar do Rio de Janeiro chamado *Antonius*.

esquerdismo, o bar. No presente trabalho, aproveitarei esta reflexão para fazer uma breve análise deste tipo de *espaço* que o bar pode ser. Especificamente, darei atenção ao bar Alaska, que junto com o Marius, o Estudantil e o Copa 70 compunham o cruzamento de avenidas conhecido como *Esquina Maldita* e localizado no bairro Bom Fim em Porto Alegre, nas proximidades do campus central da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Mas antes de escrever sobre a *Esquina* devo deixar claro as estratégias teóricas que foram úteis para a construção do meu problema e para a análise das fontes. Principalmente, devo demonstrar, a partir delas, o que quero dizer quando defino o bar como *espaço*.

Uma referência bastante útil é Michel Foucault, que afirma que a organização do espaço na sociedade moderna respeita a um princípio disciplinador. Segundo o autor, este *espaço disciplinar* tende a se dividir em tantas parcelas quanto corpos ou elementos há a repartir. Nele é preciso anular os efeitos das repartições indecisas, o desaparecimento descontrolado dos indivíduos, sua circulação difusa, sua coagulação inutilizável e perigosa³. Deste modo, a primeira das grandes operações da disciplina seria então a constituição de ‘quadros vivos’ que transformaria as multidões confusas, inúteis ou perigosas em multiplicidades organizadas.⁴ No entanto, existe um *algo mais* na *Esquina Maldita* que foge desta organização disciplinada da cidade moderna. Práticas cotidianas que desrespeitam essa organização. Portanto, outra definição também importante, e complementar, é a de Michel de Certeau, que defende a possibilidade de haver, além do *espaço disciplinar*, outra forma de espaço. O espaço disciplinar ele chama de *lugar*, respeitador da ordem e organizador de cada coisa em um *lugar próprio* distinto do outro. Nele os lugares são dispostos uns ao lado dos outros como na teoria de Foucault. A outra forma seria a do *espaço*, que é o *lugar* praticado, é o cruzamento de móveis, construído pelas trajetórias individuais.⁵ Esta apropriação cotidiana dos limites impostos é um instrumento teórico útil para compreender um pouco da história da *Esquina Maldita* que tentarei apresentar a partir de agora.

No final da década de 1960, a Universidade Federal do Rio Grande do Sul ainda mantinha um papel de grande importância para os jovens que almejavam ingressar em um curso superior, apesar de ter havido um crescimento das universidades particulares. Isso acontecia principalmente aos jovens pertencentes à *classe média*, que até então era relativamente restrita, mas estava em expansão por causa do chamado *Milagre Econômico*. Muitos deles migraram do interior para a capital com a finalidade de tentar ocupar uma das

3 Foucault, Michel. *Vigiar e Punir*. Petrópolis: Vozes, 1977. Pág. 131.

4 Ibid. Pág. 135.

5 Certeau, Michel de. *A invenção do cotidiano: V.1. artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 1994. Pág. 202

limitadas e disputadas vagas das faculdades da universidade. Por isso, tanto o campus do centro quanto as cercanias se tornaram um interessante espaço de socialização de jovens oriundos de várias regiões do estado do Rio Grande do Sul, visto que os principais cursos estavam localizados lá. Porto Alegre, desde a década de 1960, estava vivendo um processo de crescimento urbano. Este processo e o êxodo rural, aliado a ele, proporcionam configurações sociais que possibilitaram uma interação motivadora de mudanças de comportamento. As expectativas e o deslumbramento dos jovens do interior em relação a “cidade grande”, o acesso a educação, informação, às drogas, assim como a sua diversidade de culturas, práticas sociais, expressões artísticas e políticas inspiraram a experimentação de novas formas de se comportar, de se relacionar, de conviver e de pensar politicamente. Como afirma o professor Carlos Roberto Winckler, que foi militante de esquerda e freqüentou a *Esquina Maldita* neste período. “Esses lugares eram muito importantes como fórum de socialização política (...) mas também para experimentos do ponto de vista existencial. E as duas coisas não estavam necessariamente separadas, muitas vezes estavam confluindo. Estavam misturados os dois processos.” Essas experiências foram as culpadas pelo nome carinhosamente dado à esquina da avenida Sarmiento Leite com a avenida Osvaldo Aranha. Ainda hoje, o adjetivo *Maldita* em nada é visto como negativo pelos tão diferentes *ex-clientes* dos bares citados. Pelo contrário, a participação em algo *maldito* é apresentada com um certo orgulho. Nostalgia de um tempo no qual algumas das pessoas entrevistadas acreditam que viveram um momento importante para história ou marcaram para o resto da sociedade um comportamento diferencial, transgressor. Para eles, estar na *Esquina Maldita*, era contestar, criar estranheza, construir identidades, conquistar um espaço de ação em uma sociedade que não o fornecia, que não apresentava saídas simbólicas. Muitos jovens encontraram as saídas nas mesas dos bares, outros apenas beberam e se divertiram muito mesmo. Já os donos e funcionários dos bares pareciam não gostar muito do nome dado ao local. Isake Plentis de Oliveira era o principal garçom do bar Alaska e negava a denominação *Esquina Maldita* para o bar onde trabalhava. “Nos nunca deixamos os magrinhos entrar. A gente distingue. Sempre procuramos atender uma clientela selecionada. O nome “Esquina Maldita” não serviu para nós. Se servia para outros bares o Alaska não tinha nada a ver.”⁶ O bar do Isake foi o primeiro da *Esquina Maldita*.

O Alaska estava localizado na Avenida Osvaldo Aranha, onde hoje funciona uma loja de fotocópias. Ele começou a funcionar em 1966 e fechou as portas em 1985. O público

6 Viscelli, Maria das Dores Costa. *O dia e a noite do Bom Fim*. Folha da Tarde. Porto Alegre, 2 de abril de 1982. Sem página.

freqüentador consistia basicamente de estudantes universitários dos cursos do Campus Central da UFRGS, alunos das faculdades de arquitetura, engenharia, ciências humanas, filosofia, letras, direito, artes cênicas, etc. Até meados da década de 1970 era ocupado basicamente por homens. “Quando eu comecei a pintar no Alaska não aparecia mulher sozinha. Era um bar quase exclusivamente masculino”, afirmou um freqüentador a uma matéria do Jornal da Tarde de 1982.⁷ A bebida mais consumida no estabelecimento era o chope, seguida pelo trigo velho, pela batida de côco ou de maracujá. Porém, não há relatos de que houvesse problemas com clientes embriagados envolvidos em brigas ou confusões. Ocorria apenas discussões políticas acaloradas, conversas sobre arte e futebol.

Definitivamente, a política foi o assunto mais recorrente nas mesas do Alaska. Isto é unanimidade em todos os depoimentos feitos a mim diretamente ou aos jornalistas e pesquisadores cujos trabalhos usei como fonte, assim como no filme *Deu pra ti anos 70...* No entanto, há uma discordância a respeito da intensidade desses debates no decorrer dos anos. O professor Carlos Roberto Winckler, acredita que o debate político acalorado ocorreu mais para o final da década de 1970.

A verdade é que aquilo tudo nem chegava a ser tão maldito. Debatia-se política, sim, mas com um certo cuidado, pois havia muita paranóia no ar. Em termos de comportamento, existiam, indiscutivelmente, novidades. Liberação sexual das meninas, ousadia no visual e propostas de mudar o mundo. A imagem que guardo é do inverno, com muita gente colorida, cabelos compridos e alegria. A discussão a meu ver veio mais tarde, lá por 1976 e 1977, com as manifestações por liberdades democráticas.⁸

Neste relato vemos uma opinião semelhante ao do garçom Isake quanto á origem da denominação *Maldita*. A esquina não seria maldita por causa dos estudantes, defensores de ideais políticos de esquerda, que freqüentavam o Alaska, mas sim por causa da transgressão de comportamento apresentada pelas pessoas que freqüentavam outros bares, as quais Isake chamou de *magrinhos*. Isso se deve também, para Carlos Roberto Winckler, ao fato de o nome *Esquina Maldita* ser dado aquele espaço no começo da década de 1970 e a pauta política se impor posteriormente, apenas nos períodos de distensão do regime militar e de abertura política. Durante esses dois períodos o governo militar buscou a ampliação da participação política como forma de estabilidade e legitimidade do poder, tentando manter o controle e cooptar a oposição, embora houvesse retrocessos eventuais. Neste processo, ocorrido a partir do governo Geisel, o MDB exerceu função determinante enquanto oposição possível e ocupando todo espaço político disponível. Por isso, muitas pessoas se filiaram ao MDB, inclusive o professor Carlos Winckler. A UNE se rearticulou aos poucos e, com ela,

7 Idem

8 Silva, Juremir Machado da. *A miséria do cotidiano: energias utópicas em um território urbano moderno e pós-moderno*. Porto Alegre: Artes & Ofícios, 1991. Pág. 63.

também o movimento estudantil. Outros grupos organizados da sociedade civil começaram a pressionar o governo. Houve um afrouxamento da censura. Neste período, “em sua relação dialética com o Estado, a oposição começou a encontrar maneiras de derrubar os três elementos fundamentais da cultura do medo. (...) O *silêncio* (...) a sensação de *isolamento* (...) o profundo sentimento de *descrença*.”⁹ O novo ânimo serve de estímulo a muitas pessoas que andavam bastante tímidas por causa da repressão, inclusive aos estudantes universitários que freqüentavam a *Esquina Maldita*. Tendo em vista esse contexto, pode-se afirmar a há plausibilidade nos argumentos do professor Carlos Roberto Winckler.

Todavia, outra opinião é dada por um freqüentador do Alaska para uma matéria do jornal Folha da Tarde. Segundo ele, a esquina era maldita por causa dos intelectuais de esquerda que lá trocavam idéias enquanto bebiam chopes e cachaça até 1975, daí em diante os freqüentadores mudaram, os intelectuais acharam ou perderam o rumo, ou ainda, “encontraram outros botecos mais compatíveis com suas vivências”¹⁰ Essa diferença de visões sobre o mesmo momento, sobre os mesmos espaços é bastante comum nos relatos orais utilizados em minha pesquisa. Cada entrevistado apresenta uma opinião nova que não é compatível com a dos outros depoentes, dificultando a possibilidade de construir uma história da *Esquina Maldita* baseada na homogeneidade. Algo muito diferente acontece nos textos escritos por jornalistas que buscam contar essa história. Eles constroem uma imagem estanque que não contempla a diversidade de práticas que ocorriam naquele espaço e naquele tempo, nem as diferentes memórias que se formaram posteriormente. Nas matérias tanto da Folha da Tarde de 2 de abril de 1982 quanto do Caderno D da Zero Hora de 15 de janeiro de 1989, a característica política da *Esquina Maldita* é mais destacada enquanto o comportamento transgressor dos outros freqüentadores é mostrado como contratempo, como efeito colateral, apesar dos relatos contrários dados pelos entrevistados nelas. Isso se deve talvez ao fato de o conjunto de universitários de esquerda aparecerem aos olhos dos jornalistas mais facilmente como um *grupo*, que compartilha símbolos, identidade e ideologia comuns. Já as outras pessoas aparentam viver em constante dispersão, sem identidades sociais definidas, nem homogeneidade de pensamentos e práticas que tornassem admissível empregar, sem uma certa estranheza, o rótulo de *grupo*. Por isso, uso a fonte oral em minha pesquisa, pois creio que ela traz grandes vantagens para meu trabalho por possibilitar o trato, tanto na pesquisa quanto no texto, com as discontinuidades dos acontecimentos, com as opiniões discordantes, com a diversidade de memórias construídas sobre os mesmos

9 Moreira Alves, Maria Helena. *Estado e oposição no Brasil (1964-1984)*. Petrópolis: Vozes, 1987. Pág. 223.

10 Viscelli, Maria das Dores Costa. Op. cit. Sem página.

momentos e lugares da história. Principalmente, quando meus objetos não são os discursos e os ideais políticos, mas sim as práticas cotidianas realizadas por pessoas em espaços urbanos e em um passado recente.

A *Esquina Maldita* era o lugar da pluralidade, mas o Alaska não tanto. Ali predominava uma diversidade de estudantes esquerdistas, stalinistas, maoístas, trotskistas, etc. Porém, durante os anos de maior repressão eles não anunciavam claramente suas posições. O professor Carlos Winckler falou comigo um pouco sobre isso.

Obviamente que ali era um cenário de debates políticos, mas eram um pouco cifrados. Não se falava abertamente. Havia certos códigos. Os códigos definiam, na verdade, quem pertencia ao que, quem tinha simpatia a quem, como é que se davam essas relações. No período ninguém dizia 'eu pertenço ao Partido Comunista Brasileiro', 'eu pertenço ao PC do B', 'eu pertenço à Ação Popular', ou depois dos anos 74 em diante, 'eu pertenço a Polop ou um a grupo trotskista X, Y, Z' (...) A gente aprendeu muito rapidamente a fazer uma linguagem cifrada disto. Quem tinha o mínimo de acesso ao debate a discussão, aprendeu a conversar sem mencionar diretamente. Mesmo porque eram locais, obviamente, onde a polícia política freqüentava normalmente.

O medo era freqüente, principalmente entre os estudantes membros dos diretórios acadêmicos. No filme *Deu pra ti anos 70...* dois casais de jovens reunidos no bar Alaska ficam preocupados com uma amiga que estava demorando a chegar. Eles tinham saído do Diretório Acadêmico da Faculdade de Arquitetura da UFRGS (DAFA) e ela foi para casa tomar banho antes de ir à *Esquina Maldita*. Constatada a demora um dos jovens questiona se a amiga atrasada levava consigo algum material do DAFA. Outra personagem responde que ela levava panfletos e cartazes. O medo toma conta e um deles vai telefonar. Não sendo atendido, volta atordoado ao bar e aconselha aos demais a irem para suas casas. Mas não sem antes consultar as bolsas para checar se não carregavam nenhum material subversivo. Uma das garotas deixa um livro do Gramsci na mesa do Alaska. Quando estão saindo pela porta do bar a amiga atrasada entra e desculpa a demora confessando que estava lavando o cabelo. Vendo o desapontamento dos colegas, resmunga “não posso lavar o cabelo seus esquerdinhas de merda?”

No entanto, embora houvesse discrição e medo, os bares ainda eram usados na cooptação sutil de efetivos para a resistência de esquerda que buscava a ação pelas armas. O professor Winckler foi abordado por um amigo em uma mesa de bar e convidado a participar da guerrilha do Araguaia. O professor não aceitou o convite pelo fato de sua formação de esquerda estar mais vinculada a busca de uma saída democrática legalista, pois foi muito inspirado por seu pai que era filiado ao PC. Mas alguns estudantes decidiram assumir a clandestinidade e a resistência mais violenta nos bares, deixando, conseqüentemente, de freqüentar estes espaços. Muitos estudantes se politizaram nas discussões ao redor de copos de chope. Nas mesas descobriram o que era o capitalismo e o

marxismo, o que era a repressão e as possibilidades de lutas contra ela. No entanto, esta politização se deu muito via cultura artística, já que não se podia discutir muito política. Se falava de filmes, livros, músicas, peças e essas conversas eram usadas para debater temas da política e da sociedade brasileira. No filme *Deu pra ti anos 70...* é representada uma conversa entre estudantes esquerdistas no bar Alaska, o diálogo gira em torno do surgimento da revista *Isto é*. Um personagem afirma que esta revista não seria tão diferente de outras como a *Cruzeiro* ou a *Manchete*. Outro personagem barbudo de boina fala “Já enchi o saco de ler estas 'novidades'” e em seguida declara que o Glauber Rocha é um fascista. Estas falas demonstram um pouco de como se falava de política usando a ironia sem precisar mencionar diretamente o argumento que se pretendia defender. Outro exemplo de ironia para expressar posições políticas que representam as idéias dos esquerdistas são os pratos servidos no Alaska. Havia o *Vietcong*, composto por salsicha bock cozida, chucrute, banana e lombinho à milaneza, havia também o *burguês*, com dois lombinhos de porco, maionese, chucrute e banana. O bar Alaska era um espaço de relação entre estudantes que se politizavam pela cultura artística e esquerdistas que já eram militantes e, até mesmo, em parte, ingressariam na ação e suporte de guerrilhas. Claro que quem ia para a ação não ia aos bares. Quem freqüentava o Alaska era a “esquerda festiva” como afirma Paulo Burd. Uma expressão bastante conhecida que representa, eu creio, as pessoas que aderiram aos e defenderam os pensamentos conhecidos como de esquerda, mas não assumiram ações efetivas para combater a ditadura. Esse tipo de esquerda aparece também no livro *Bar Don Juan*. *A esquerda festiva* discursava nos bares entre um chope e outro, entre uma cachaça e outra. Segundo Zuenir Ventura o termo *esquerda festiva* foi cunhado pelo colunista Carlos Leonam em 1963, assinalando uma terceira possibilidade ao ministro San Thiago Dantas que disse haver no Brasil apenas duas formas de esquerda a “positiva” e a “negativa”¹¹. Esse conceito durante muito tempo foi usado como forma de depreciar esquerdistas, intelectuais, artistas, que não agiram de forma mais direta contra a repressão. Porém, no presente trabalho, o uso da expressão não carrega nenhum tom valorativo, apenas procura designar as práticas de pessoas que buscavam na festa e no bar um *espaço* de ação e um conforto contra a angústia causada por uma sociedade sufocada.

Muitas pessoas buscaram também na arte este *espaço* e muitos atores se politizaram por causa do contexto político, visto que sempre esbarravam nas malhas da repressão. O ator Antônio Carlos Falcão lembra deste período, no qual ele estava saindo da Escola Militar e

11 Ventura, Zuenir. *1968: o ano que não terminou*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988, p. 47.

ingressando na carreira de ator. “Era inevitável discutir política, tua peça era proibida, tu tinha que passar pela censura, tu tinha que te cuidar”. Os artistas se sentiam obrigados a falar de política pois dependiam do governo para aprovar seus trabalhos. As artes se tornaram, então, tanto um poderoso meio de contestação quanto uma válvula de escape para as pressões sociais da época. Por esse motivo, o Clube de Cultura, localizado a algumas quadras da *Esquina Maldita*, serviu de espaço para expressões artísticas de resistência. Falcão atuou em uma comédia na qual inseriu por conta própria, completamente fora de contexto, uma fala reproduzindo uma cartilha de boas maneiras cívicas escrita pelo presidente Getúlio Vargas e imitando a voz grave, melodiosa e peculiar de uma personagem famosa das noites da *Esquina Maldita* conhecida como Nega Lu, mas cujo nome verdadeiro era Luís Antonio Bastos. Mas este não era a única forma de burlar a censura e contestar ao mesmo tempo. Falcão dá outro bom exemplo de ação descrevendo como funcionava as apresentações especiais das peças aos censores.

Vinham uns senhores e umas senhoras assistir as peças. Tinham alguns que realmente assistiam prestando atenção. Outros a gente sabia que dormiam no banquinho do teatro. Porque a gente fazia a peça totalmente diferente (...). Tirava o palavrões, tirava tudo que tinha. Fazia uma peça chocha, sem ritmo, pra dormir mesmo.

Por este motivo o teatro e os atores chamavam a atenção da polícia. Muitos atores saíam dos ensaios e apresentações de peças e iam para a *Esquina Maldita*. Em umas dessas vezes, Falcão recorda que ele e alguns amigos foram seguidos por um carro. Quando chegaram na *Esquina*, entraram no Alaska enquanto a motorista do carro que os levava até lá se dirigiu para outro lugar. No percurso, ela foi abordada, presa e interrogada, mas livrou-se do infortúnio porque era parente de um militar conhecido e influente. No entanto, pelo que falaram muitos entrevistados e como afirma Juremir Machado da Silva no livro *A miséria do cotidiano*, *Esquina Maldita* não foi apenas um espaço de experiências políticas. “Pela esquina maldita, Porto Alegre mergulhou na pluralidade cotidiana”¹² tanto de ideais políticos quanto sexual, de comportamento. Paulo Burd, jornalista e antigo morador do Bom Fim, conheceu a *Esquina* na época em que estudava direito na UFRGS, no final da década de 1960 e começo da década de 1970. Para ele o nome do cruzamento de ruas deve-se ao fato de naquele espaço haver começado a se tornar “um território livre”, onde as pessoas podiam se comportar de formas diferentes das quais eram aceitas enquanto tolerável pelo resto da sociedade. Onde muitos usavam drogas, basicamente maconha, “e se bebia. Se bebia e se derrubava. A gente bebia, a gente derrubava o governo, a gente derrubava as mesas, a gente derrubava o garçom...”. Essa sensação de desfrutar de um espaço onde era possível

12 Silva, Juremir Machado da. Op. cit. Pág. 62-63.

comportar-se de forma transgressora em relação aos limites que o resto da sociedade, e seus lugares, impunham estava longe de ser promotora de caos. Pelo contrário, ela criou novas maneiras de compartilhar um mesmo ambiente, novos modos de *convivência*, enquanto “gerenciamento simbólico da face pública de cada um de nós desde que nos achamos na rua”

13.

Enquanto a festividade da esquerda trazia junto a reflexão política, as experiências, os símbolos e as perspectivas de futuro, comportamentos influenciados por pontos de referências comuns, as práticas dos outros frequentadores da *Esquina Maldita* eram apenas a própria festa. Os bares Copa 70, Marius e Estudantil abrigavam outros tipos de público e de prática social. Nestes bares não havia a predominância do debate político, do uso do bar enquanto fórum de discussão e sociabilização da esquerda. Eram espaços onde as pessoas iam muito mais para beber, se divertir, encontrar amigos, ficar com alguém. Aliás, não se pode nem dizer que há um grupo homogêneo de frequentadores destes espaços. Paulo Burd gostava destas diferenças entre os bares. Mas seu bar preferido era o Estudantil, porque ele “era bem mais barato, bem mais democrático e a fauna do teatro não ia lá”. No Estudantil bebiam as pessoas que saíam dos velórios nas capelas do Hospital São Francisco. Nas madrugadas, as vezes, um caminhão de lixo estacionava na rua e os lixeiros iam beber uma cerveja lá, pois eles não ousavam entrar no Alaska. “O Alaska era mais caro, quem tinha pouca grana não podia encarar os pratos”. Quem tinha pouco dinheiro ou não dava muita atenção para política ia para o Estudantil, que era muito mais aberto. Paulo Burd recorda uma passagem de ano no Estudantil na qual ele tinha como companhia uma amiga, o gerente do bar, que se chamava Antônio, o garçom, que se chamava Ataliba, um carteiro, uma mulher bêbada e uma prostituta. No Alaska isso seria difícil de acontecer, porque o Alaska “era um bar de muito intelectual e a turma mais marginal ia no Estudantil.” já para Juremir Machado da Silva a marginalia ia mesmo no Copa 70. “No *Copa*, a política era outra: a do corpo, da estética e da libertação total. Por isso, açambarcou os viscerais, os passionais e os delirantes. Diferentemente do *Alaska* e do *Estudantil*, Descambava muito mais para o orgiástico.”¹⁴

Nas duas opiniões a expressão *marginal* parece representar um comportamento transgressor que não estava comprometido com a revolução marxista ou com qualquer outra

13 Mayol, Pierre. *Morar*. In: Certeau, Michel. *A invenção do cotidiano*: v.2. *Morar, cozinhar*. Petrópolis: Vozes, 1996. Pág. 39. O conceito de *conveniência* peguei emprestado de Pierre Mayol. Para ele, a conveniência é definida como a renúncia dos ímpetus individuais a fim de tornar a convivência possível, desfrutar dos benefícios simbólicos da vida coletiva e poder construir identidades de grupos e indivíduos, assumindo um lugar na rede das relações sociais inscritas no ambiente.

14 Silva, Juremir Machado da. Op. cit.

grande teoria. Quem freqüentavam esses dois bares eram os “desbundados”, que, assim como na definição do termo por Heloísa Buarque de Hollanda, desprezavam os projetos políticos de esquerda, a preocupação com participação política efetiva, a necessidade de transformações sociais.¹⁵ Um reflexo disso é o fato de a polícia entrar muito mais no Alaska do que nesses outros, visto que o comportamento dos clientes destes preocupava menos ao estado. Naquele tempo a subversão era a grande vilã da polícia, diferentemente de hoje em dia que tem a droga ocupando este posto. Para Paulo Burd no Alaska havia uma monopolização para discussões políticas, enquanto que as pessoas que “queriam pegar uma violão, cantar uma samba, ou então, beber por beber” preferiam o Estudantil. Neste bar haviam dois ambientes, um claro na entrada onde ficavam as mesas e um reservado escuro onde “tu podia dar um amasso na namorada ou a namorada te dar um amasso”. Mas esse reservado não era necessariamente usados por casais comprometidos. Ali se traía, se praticava sexo com estranhos, em grupos etc. No Copa 70 havia uma circulação de homossexuais maior que nos outros bares. Era o bar preferido da Nega Lu. A Nega Lu ficou conhecida pelos freqüentadores da *Esquina Maldita* e dos outros bares do Bom Fim. Ela fazia performances, cantava e alegrava as noites da *Esquina*. Nesses dois bares havia mais liberdade sexual, menos machismo mais tolerância aos homossexuais. No Alaska as mulheres só entraram bem depois dos homens. Embora fosse um espaço onde as mulheres podiam sentar nas mesas e discutir sobre arte e política de igual para igual com os homens, o Alaska era mais masculino e havia mais machismo lá. Carlos Winckler concorda com isso, mas afirma rindo que “isso não quer dizer que eu não tivesse ótimas amigas lá.”

As novas formas de convivência, de comportamento, de *conveniências*, de relações com os espaços públicos vividas na *Esquina Maldita* serviram como uma porta de entrada para os novos espaços artísticos, culturais, de vivências, de boemia surgidos naquele período na sociedade portoalegrense. Essas experiências acumuladas geraram no contexto de abertura do começo da década de 1980 uma expansão da esquina maldita para o resto do bairro Bom Fim e, até mesmo, para toda cidade de Porto Alegre. Muitos artistas, que já eram ou se tornaram importantes na cidade, freqüentaram a *Esquina*. Atores como Falcão, cineastas como Carlos Gerbase, Nelson Nadotti, Giba Assis Brasil, músicos como Bebeto Alves, Nei Lisboa, Wander Wildner, Nelson Coelho de Castro ajudaram a criar novas referências para os jovens, os intelectuais, os estudantes e outros artistas de Porto Alegre e, até mesmo de todo o Rio Grande do Sul. Alguns freqüentadores da *Esquina* abriram ou começaram a freqüentar outros bares

15 Hollanda, Heloísa Buarque de. *Impressões de viagem: CPC, vanguarda e desbunde: 1960/70*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2004.

em outros pontos do bairro Bom Fim como o Bar Ocidente. Aos poucos o bairro é citado em músicas, é usado como cenário de filmes, é conhecido por sua extravagante boemia e a *Esquina Maldita* é vista como o princípio de tudo. Esta abertura de novos espaços foi uma das principais causas do fim da *Esquina*. Junto a ela está a transferência de muitos cursos da UFRGS, principalmente da área de humanas, para um novo campus perto de Viamão e longe dos centros de poder da cidade. Outro motivo foi o próprio fim da ditadura que ajudou a dispersar os interesses de muitas pessoas que estavam envolvidos no movimento estudantil e usavam o Alaska como sede. A esquina deixou de ser maldita e os bares fecharam, restando apenas o Marius que foi o último a abrir ficou mais conhecido por ser o remanescente da *Esquina*. Em 1981 foi lançado o longa-metragem *Deu pra ti anos 70...* de Nelson Nadotti e Giba Assis Brasil. O filme busca fazer um balanço da década de 1970 e é inspirado nas experiências de vida dos criadores do filme e em um show de Nei Lisboa. Muitos dos participantes desta produção cinematográfica, quase artesanal feita em Super-8, frequentaram a *Esquina Maldita* e o título do filme usa a gíria “deu pra ti” que ainda hoje é falada em Porto Alegre e significa “chega”, “acabou”. *Deu pra ti anos 70...* é a despedida de uma década marcada pelo sufoco da ditadura militar, pelo tédio e a falta de opções para uma geração de jovens, assim como é a ambição de coisas novas, de novos horizontes. Nei Lisboa justificou o nome do show reclamando “era um olhar para a década quase assim como negação... bah, pelo amor de Deus, que década que não serviu pra nada”.¹⁶ Giba Assis Brasil afirma que o nome do filme tinha a mesma intenção, “chega de anos 70' (...) era uma época que estava se fechando e que tinha que vir coisa nova”.¹⁷ De alguma forma, o *Deu para ti anos 70...* também pode ser visto como uma despedida da *Esquina Maldita*.

A partir do que foi visto até aqui é possível compreender um pouco como se deram as relações das pessoas entre elas nos e com os espaços dos bares da *Esquina Maldita*. Fazendo aproximações entre os relatos expostos no presente trabalho e algumas definições teóricas de como funcionariam as relações humanas nos espaços urbanos das sociedades ocidentais contemporâneas eu posso construir uma análise. A diferenciação teórica entre *espaço e lugar*, assim como, as diversidades de práticas ocorridas na *Esquina Maldita* permitem definir os bares que estou estudando, então, como *espaços*, ou seja, organizações coletivas de trajetórias individuais. Enquanto o estado tentava disciplinar a partir da polícia, que sempre invadia os bares, e os estudantes de esquerda tentavam transformar o Alaska em um *lugar* de debate

16 Reis, Nicole Isabel. *Deu pra ti anos 70: rede social e movimento cultural em Porto Alegre sob uma perspectiva de memória e geração*. Porto Alegre: Bancos de Imagens e Efeitos Visuais, PPGAS/UFRGS, 2006. Pág. 11.

17 Ibid. Pág. 12.

político, os outros frequentadores dos outros bares transgrediam os limites impostos usando comportamentos *inconvenientes*. Desta forma, os bares entre a Sarmiento Leite e a Osvaldo Aranha viraram a *Esquina Maldita*, aparentando ser muito mais do que estabelecimentos comerciais. Na *Esquina Maldita* os bares foram espaços de convivência, meios intermediários entre o público e o privado, entre a casa e a rua, onde o indivíduo interagia socialmente, aparecia para o social. Por isso, esses bares também se transformaram de uma forma que não podem ser definidos como *lugares*, que se impõem ao tempo com características e essências definidas, eles eram espaços de ação social, cotidianamente apropriados, inventados e reinventados pelos seus frequentadores com o passar dos anos.

Bibliografia:

- Callado, Antônio. *Bar Don Juan*. 7 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982.
- Certeau, Michel de. *A invenção do cotidiano: V.1. artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 1994.
- Foucault, Michel. *Vigiar e Punir*. Petrópolis: Vozes, 1977.
- Hollanda, Heloisa Buarque de. *Impressões de viagem: CPC, vanguarda e desbunde: 1960/70*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2004.
- Mayol, Pierre. *Morar*. In: Certeau, Michel. *A invenção do cotidiano: v.2. Morar, cozinhar*. Petrópolis: Vozes, 1996.
- Moreira Alves, Maria Helena. *Estado e oposição no Brasil (1964-1984)*. Petrópolis: Vozes, 1987.
- REIS, Nicole Isabel. *Deu pra ti anos 70: rede social e movimento cultural em Porto Alegre sob uma perspectiva de memória e geração*. Porto Alegre: BIEV/PPGA/UFRGS, 2006. Disponível em: <http://www.estacaoportoalegre.ufrgs.br/html/producao/iluminuras/iluminuras.htm>. Acesso em: 21 de agosto de 2006.
- Silva, Juremir Machado da. *A miséria do cotidiano: energias utópicas em um território urbano moderno e pós-moderno*. Porto Alegre: Artes & Ofícios, 1991.
- Ventura, Zuenir. *1968: o ano que não terminou*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988.
- Viscelli, Maria das Dores Costa. *O dia e a noite do Bom Fim*. Folha da Tarde. Porto Alegre, 2 de abril de 1982.